



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO**

MARTA FRANCO TEIXEIRA

DESABAFO: MEMÓRIAS DE UMA CASA EM DESCOBRIMENTO

BELÉM – PA

2019

MARTA FRANCO TEIXEIRA

DESABAFO: MEMÓRIAS DE UMA CASA EM DESCOBRIMENTO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado.

BELÉM – PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

T266d Teixeira, Marta Franco
 Desabafo: memórias de uma casa em descobrimento / Marta Franco
 Teixeira -- 2019.

 Orientadora Prof^o. Me. Paulo Roberto Santana Furtado.
 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de
 Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em
 Teatro, Belém, 2019.

 1. Teatro – Processo criativo. 2. Memória. 3. Dramatização. 4. Dança -
 Teatro. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.028



ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

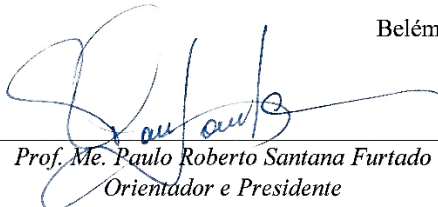
Aos 18 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e Dezenove, às 14h, reuniu-se na sala 03 (três) da ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado (Orientador e Presidente), Prof.^a M.^a Claudia Gomes da Silva (Examinadora interna) e Prof.^a M.^a Tânia Cristina dos Santos Santana (Examinadora Externa) para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna MARTA FRANCO TEIXEIRA, intitulado: “Desabafo: Memórias de uma casa em descobrimento”. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito BOM

com as seguintes observações: Revisão e formatação, conforme as Regras da ABNT; aprofundamento de conceitos (escrita de si, bullying e dança-teatro) e retirada dos conceitos de anatomia e fisiologia e, revisar o conceito de atriz bailarina.

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 18 de dezembro de 2019



Prof. Me. Paulo Roberto Santana Furtado
Orientador e Presidente



Prof.ª M.ª Claudia Gomes da Silva
Examinadora Interna



Prof.ª M.ª Tânia Cristina dos Santos Santana
Examinadora Externa

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Marta Franco Teixeira
Marta Franco Teixeira

Local e Data: Belém, 17 de janeiro de 2020

Dedico a Nosso Senhor e à Nossa Senhora;

Aos meus pais;

E a todos que me incentivaram a não desistir da minha pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) por todo o apoio, por ser morador da casa, por me ajudar a destrancar as portas e por nunca me deixar só.

À Nossa Senhora por interceder sempre por mim e por passar na frente de cada passo meu.

Aos meus pais que sempre estão comigo, me ajudando, apoiando e amando.

À Amanda Linhares, instrumento de Deus na minha vida, minha amiga, que nunca me deixa desistir das coisas que eu comecei.

Aos meus irmãos de comunidade, César e Valente, que me ajudaram para que parte desta pesquisa acontecesse.

À Bianca César, minha amiga, que me ajudou com algumas correções relacionadas a escrita.

Ao meu orientador, Paulo Santana, por todo o incentivo, toda a paciência e cuidado comigo.

E a todos e todas que estiveram comigo no período de escrita da pesquisa e que rezaram por mim e comigo para que esse trabalho fosse desenvolvido.

Confie nos propósitos sonhados por Deus pra você!

RESUMO

A presente pesquisa, escrita em forma de diário-memorial utilizando o método fenomenológico, relata sobre o bullying, vivido por agressões verbal, moral e psicológica, esta cicatriz surgiu no âmbito familiar e perdura até a atualidade, mas em menor frequência. A pesquisa comenta sobre o desabafar dessas agressões por meio da dança-teatro, intitulada deste modo após o início do estudo na graduação em teatro. Esse curso disponibilizou, além de um desabafar artístico mais aprimorado, uma pessoa como caminho para uma maior aproximação com o Divino na trajetória escrita e esta proximidade contribuiu para um processo criativo, o qual resultou em uma apresentação prática desta pesquisa.

Palavras-Chave: Teatro. Dança-Teatro. Cicatriz. Escrita de Si. Processo de Criação.

ABSTRACT

This research, written in the form of a memorial diary using the phenomenological method, reports on bullying, lived by verbal, moral and psychological aggressions, this scar arose in the family and lasts to the present day but to a lesser extent. The research comments on the vent of these aggressions through dance-theater, entitled in this way after the beginning of the study in the undergraduate theater. This course made available, in addition to a more improved artistic vent, a person as a path to a greater approach with the Divine in the written trajectory and this proximity contributed to a creative process which resulted in a practical presentation of this research.

Keywords: Theater. Dance-Theatre. Scar. Writing by Yourself. Creation Process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem mais aproximada da cadeira original	16
Figura 2 – Reconhecimento de que sempre houve alguém por mim	27
Figura 3 – Entregar mensagens como acolhimento	28
Figura 4 – Símbolo da Comunidade Cristo Alegria	31
Figura 5 – Ministração da música "Alguém me tocou"	34
Figura 6 – Adentrar - César	37
Figura 7 – Adentrar - Valente	37
Figura 8 – Apresentação experimental, em forma de performance, de CASA: ÍNTIMO- ABRANGENTE	41
Figura 9 – Dormir chorando	42
Figura 10 – Convite para dançar	43
Figura 11 – Aprimorar dos movimentos e novos caminhos	44
Figura 12 – Sendo revelada pelo curso de teatro	45
Figura 13 – Instigada a não trabalhar sozinha	46
Figura 14 – Adentrar a casa	47
Figura 15 – Missionários na vida profissional	48
Figura 16 – Pedindo ajuda para abrir as portas da casa	48
Figura 17 – Conhecendo os cômodos	49
Figura 18 – Entendendo que as coisas acontecem no tempo de Deus	50
Figura 19 – A alegria em ver a casa sendo arrumada	51
Figura 20 – Evangelizar por meio de Libras	52
Figura 21 – Incentivando as pessoas a persistirem	52
Figura 22 – Voltar para a porta da casa	53
Figura 23 – Ajudar as pessoas a continuarem	54
Figura 24 – Período de discernimento	55
Figura 25 – A decisão em continuar a missão a que fomos destinados	56
Figura 26 – A felicidade em ser Cristo Alegria no mundo	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONHECENDO CÔMODOS DA CASA.....	14
2.1 Escada: da cicatrização lógica para a cicatrização improvável.....	22
3 ACESSO AO QUARTO.....	30
3.1 Porta: atravessar para descobrir.....	33
4 CADA METRO QUADRADO.....	36
4.1 Piso: (re)descobrir e reconstruir.....	39
5 (IN)CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE	62

1 INTRODUÇÃO

Desabafo, palavra de quatro sílabas, segundo o Dicionário Aurélio, “ato ou efeito de desabafar” (2010, p. 228). *Desabafar*, palavra de quatro sílabas, “expressar o que sente ou pensa” (FERREIRA, 2010, p. 228). Decidi ter como tema de Trabalho de Conclusão de Curso o revirar de memória, o que não é nada fácil, principalmente quando essa memória ainda lhe causa choro.

Esse choro não significa que a ferida não esteja cicatrizando, pelo contrário, a cicatrização está acontecendo, mas para que umas partes da ferida cicatrizem bem, às vezes ela precisa ser mexida. Para melhor entendimento da cicatriz, disponho da etimologia: *cicatriz*, palavra de três sílabas, “marca deixada na pele, ou em outro órgão, pelo tecido fibroso que recompõe as partes lesadas” (FERREIRA, 2010, p. 163), mas em caso de não existir marcas físicas é utilizado o conceito no sentido figurado, “lembrança duma dor moral” (FERREIRA, 2010, p. 163).

Esse recordar da dor não física habita o que chamo de *casa*, e para explicar o conceito desta casa tenho a contribuição de Gaston Bachelard que, baseado na fenomenologia, comenta que “a casa é nosso canto no mundo” (1978, p. 200), ou seja, é a nossa intimidade, o nosso interior. A utilização da palavra CASA neste TCC é porque esta casa sou eu, o meu corpo é a casa e a memória relatada nesta pesquisa está presente em mais de um cômodo desta. Se o conceito da casa é utilizado pela fenomenologia, quem é o fenômeno? O fenômeno sou eu!¹ (SANTANA, 2019).

Falar de mim é exemplo de articular de forma minuciosa, em algumas partes, mas também é proferir sempre tendo a sensação de que falta algo. Algumas vezes eu só consigo entender esse algo que falta no posterior do relato ou quando eu leio ou escuto alguma coisa. Dessa forma, percebi que para que haja entendimento, na maioria das vezes, é preciso fazer ligações entre o meu passado e o presente ou comparações com algumas coisas. A exemplo disso, Duque-Estrada (2009) comenta que Nietzsche foi percebendo aos poucos o que os filósofos, em sua maioria, faziam até então: escreviam sobre si e nisto eles iam fazendo caminhos que em algum momento se cruzavam.

¹ Silva, em sua pesquisa sobre o “método fenomenológico de pesquisa qualitativa” (2017, p. 69), relata que “posiciona-se pela defesa da retomada da experiência como retorno ao fenômeno ao afirmar que tudo o que sabemos do mundo, mesmo no campo das ciências, sabemos a partir de uma visão ou experiência própria sem a qual os símbolos não diriam nada.” (MERLEAU-PONTY, 1999 apud SILVA, 2017, p. 70)

Há um certo tempo, tenho o costume de, enquanto partilho sobre algum assunto, fazer ligações com algumas disciplinas de estudo, como biologia e física. Com um tempo percebi que também faço comparações quando compartilho sobre minha trajetória, não necessariamente relacionado a disciplinas de estudo – na maioria das vezes quando começo a fazer as ligações, parece que o que eu vou falar diverge do assunto comentado, porém, como gosto de explicar as coisas, as pessoas percebem que as comparações têm a ver –, identifiquei isso escrevendo meus relatos diários.

Falando em escrever sobre si:

Abbot acredita que a compreensão do fenômeno autobiográfico como uma forma de ação pessoal comporta uma positividade, na medida em que ela se alinha à compreensão do leitor. [...] Os autobiógrafos são movidos, cada um, pelas suas próprias motivações e interesses, e o leitor não permanece alheio a este fato. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 48)

Em vista do que foi dito, o modo em que eu me senti mais à vontade para escrever o desenvolvimento desta pesquisa foi visualizando a escrita de um diário, mas não de modo tradicional (iniciando com “Meu querido diário”, que de certa forma me induz a ficar presa a datas), e sim de maneira que eu escrevesse sem medo, para não resumir ou esquecer partes que ajudem no captar do(a) leitor(a). É por isso que chamo minha forma de escrita de diário-memorial, pois ao descrever sobre minha trajetória me vejo escrevendo em um diário e memorial, porque é o que esta pesquisa é.

Vale ressaltar que a organização da escrita desta pesquisa não segue uma ordem cronológica dos fatos, ao invés disto, cada parte da casa, capítulos e subcapítulos, vai sendo desenvolvida de acordo com seus objetivos específicos, estes objetivos então divididos em: o relato da história em si; a ponte de um curso para outro; a mudança que o novo curso proporcionou; a experiência de viver em comunidade; o compartilhar com irmãos de comunidade e a apresentação de um desabafar coletivo. É válido ressaltar, também, que o nome de pessoas da família e das agressoras são codinomes e não possuem significado específico para cada pessoa.

2 CONHECENDO CÔMODOS DA CASA

Sempre tive dificuldade de falar sobre minhas memórias, quando adolescente, pensava que era algo que eu devia guardar só para mim e que os outros não tinham nada a ver com o que acontecia comigo. Quando decidi que a minha pesquisa falaria sobre minhas vivências, pode ser loucura, mas pensei em desistir, porque é sempre muito doloroso falar sobre a vivência mais insistente na minha memória – é como se tudo o que tenho na memória estivesse ligado a essa vivência, mesmo eu sabendo que isso não é verdade. No entanto, sabia que se eu não falasse, mais uma vez estaria guardando o problema, só que dessa vez sendo ciente que há pessoas que precisam que eu fale disso. Em vista disso, é pertinente comentar que “a vida é uma viagem, um caminho individual que não implica necessariamente mudanças de lugar. São os acontecimentos e o fluir do tempo que mudam uma pessoa.” (BARBA, 1994, p. 13).

Na infância, eu tinha 4/5 anos, quando sofri bullying pela primeira vez – na etimologia: palavra do inglês, mas já adicionada ao vocabulário português, que significa “agressão, física ou verbal, feita, esp. em escolas, por indivíduo(s) a outro(s) mais tímido(s), mais novo(s), mais fraco(s), etc.” (FERREIRA, 2010, p. 119). As estudiosas Freire e Aires (2012), as quais citam Olweus (1993), comentam que o bullying constitui-se em uma subcategoria bem delimitada de agressão ou comportamento agressivo, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças. O bullying é um comportamento agressivo e persistente com a intenção de causar dano físico ou moral. Ou seja, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder e com isso maltratam, intimidam, humilham e amedrontam suas vítimas (SILVA, 2015)².

Desde a primeira vez que fui vítima do bullying até um certo período as agressões sempre foram verbais, a primeira agressão aconteceu em uma comemoração de Natal, eu estava na casa da minha prima Gilda brincando com as sobrinhas dela, duas destas eram poucos anos mais velhas que eu. O brinquedo de uma dessas mais velhas, Gilberta, quebrou – ela tinha quebrado o brinquedo e todas que estavam na brincadeira sabiam disso, ela forçou uma parte do brinquedo e ele rompeu –, ela ficou nervosa porque tinha sido o brinquedo que a

² Essa citação indireta foi retirada de um compartilhamento em uma conversa com uma concluinte do curso de Psicologia da UNAMA (Universidade da Amazônia), Sandra Gardene de Souza Campos (2019). Ao aprofundar a pesquisa sobre o bullying eu busquei conversar com alguém que o entendesse na área profissional, tendo em vista que eu nunca procurei nenhuma ajuda de um profissional (terapia) desde que sofri bullying pela primeira vez. A Sandra, além de ter pesquisado sobre o assunto em sua vida acadêmica, também foi vítima do bullying. Ela me ajudou a pontuar, no decorrer do texto, especificidades sobre o bullying. No entanto, essa troca não aconteceu em uma sessão de terapia, pois como já disse não tenho acompanhamento psicológico.

mãe dela tinha lhe dado no Natal daquele ano e que com certeza a mãe dela ia brigar. De fato, quando a mãe da Gilberta foi para onde estávamos brincando e viu o brinquedo quebrado chamou a atenção da filha, e a Gilberta com vergonha e raiva por estar recebendo bronca na frente das outras crianças resolveu, por alguma razão que até hoje eu não sei qual é, dizer para a sua mãe que eu tinha sido a responsável por quebrar aquele brinquedo e nesse momento o impacto em mim foi tão grande que não tive nenhuma reação, nem mesmo para me defender. A mãe da Gilberta não acreditou na acusação dela, o que a deixou com mais raiva, e antes de sair da sala onde estávamos a mãe falou que depois conversaria melhor com ela. As outras primas não fizeram nada, nem mesmo levantaram a cabeça para dizer o que realmente tinha acontecido. Sandra Campos (2019) aponta que, na primeira vez que eu fui vítima do bullying, a agressão verbal foi em forma de ofensa, quando a Gilberta me culpou de algo que não fiz, fez-me passar por mentirosa na frente dos outros e “tal comportamento maldoso contribuiu para os isolamentos no decorrer da história.” (CAMPOS, 2019).

Após a bronca que a Gilberta levou da mãe, ela voltou para a brincadeira, mas começou a me ignorar e quando as outras crianças viram isto começaram a me ignorar também e eu acabei ficando sem companhia para brincar, depois do que tinha acontecido e do que estava acontecendo eu não tive mais ânimo nem para brincar sozinha; então peguei as minhas bonecas e fui para a casa do meu tio (avô da Gilberta), que era vizinho da casa onde a brincadeira acontecia. E ao ir saindo eu ouvi a Glenda, prima mais velha da agressora, perguntando para a Gilberta se tinha sido eu mesma que tinha quebrado o brinquedo e esta disse, com tranquilidade, que tinha sido ela que, sem querer, tinha quebrado o brinquedo, mas colocou a culpa em mim porque, simplesmente, não queria mais brincar comigo e para que eu saísse da brincadeira parou de falar comigo, porque sabia que as outras também parariam e assim eu ia ficar sozinha e ia embora – é, a ideia dela, realmente, deu certo.

Ao chegar à casa do meu tio deixei minhas bonecas no sofá da sala e fui para a cozinha, lá peguei um copo e enchi de refrigerante, que quase não consegui terminar de beber, quando terminei voltei para sala, mas ainda não conseguia brincar, então fui para o portão da casa do titio tentar não fazer nada e ao olhar para a rua me deparei com uma cadeira de madeira, encostada na borda da calçada da casa que fica de frente para a casa do meu tio, que era a casa onde a Gilberta residia na época. Havia muitas pessoas perto da cadeira, mas ninguém sentou nela, então fui até ela e sentei (hoje eu percebo que essa cadeira estava na mesma situação que eu, com muitas pessoas ao seu redor, mas, ao mesmo tempo, sozinha).

Figura 1 – Imagem mais aproximada da cadeira original.



Foto: Autor Desconhecido.

Ao sentar na cadeira tive a sensação de ter entrado em uma bolha: o volume da caixa de som estava no máximo e a música que estava tocando ainda era estilo brega marcante, mas para mim aquela caixa estava com o volume no mínimo. O vento passava por mim com um clima de final de tarde e eu comecei a ter uma grande vontade de chorar (pedindo para que ninguém olhasse para mim naquele momento), mas me controlei para que ninguém percebesse que estava triste até que

caiu uma lágrima

caiu uma lágrima

caiu outra lágrima

caiu outra lágrima

e eu, discretamente, enxugava o rosto para que ninguém visse.

Nesse dia, um dia de confraternização, uma ferida em mim foi feita e que levou anos para poder começar a cicatrizar, porque ela sempre era cutucada por alguém e toda vez que ela era mexida crescia, prolongando o tempo da cicatrização. No entanto, o meu processo de cicatrização é diferente. Quando voltei para casa depois da festa de Natal na casa do meu tio, tomei um banho e fui dormir, essa foi a primeira noite que dormi com o travesseiro no meu rosto “sufocando” o meu choro, até porque eu dormia no mesmo quarto dos meus pais e se eles me escutassem chorando iam querer saber o porquê e eu não ia querer contar – não sei o porquê, só sei que não ia querer contar.

No dia seguinte pela manhã, ainda entristecida com o que havia acontecido no dia anterior, estava assistindo desenho animado pela televisão quando comecei a sentir uma sensação estranha – no meu íntimo uma música tocava, mas não conseguia lembrar que música era, só sabia que tinha um ritmo animado –, fiquei por alguns minutos incomodada com isso até que me deu vontade de ir para o quarto de brinquedos brincar de família³ e no decorrer da brincadeira me deu vontade de ligar o aparelho de som e sintonizar em uma rádio que estivesse tocando uma música bacana. Quando liguei o som começou a tocar um tecnobrega⁴ que eu gostava muito naquele ano e nesse exato momento que o ouvi, larguei as bonecas no chão, me levantei e comecei a dançar – esse estilo musical é para ser dançado a dois, e, naquele momento, mesmo estando sozinha fisicamente, me senti dançando com alguém.

E foi no que eu mais gosto de fazer que desabafei pela primeira vez e sem perceber tinha entrado no contexto da brincadeira da família, só que relacionando com a minha história. Enquanto interpretava me imaginava dançando em um baile com um rapaz muito bonito, e na dança interpretada consegui deixar de lado a agressão que tinha sofrido. Entretanto, não sabia que esse “deixar de lado” era eu guardando com cuidado algo que me machuca – e não demorou muito para que eu sofresse uma nova agressão verbal e a ferida aumentasse.

Em um dia de festa na minha casa – tenho quase a certeza que era meu aniversário – uma das minhas primas veio ajudar na preparação das comidas e trouxe a filha dela, Glenda, para brincar comigo. Em um determinado momento da brincadeira ela deu a ideia de cortarmos os cabelos das bonecas e eu rapidamente disse que não, justificando que gostava do cabelo das minhas bonecas do tamanho que estavam; então ela deu outra ideia para brincarmos com as bonecas e, inicialmente, eu concordei, mas depois a brincadeira foi ficando entediante, então sugeri que a gente fosse brincar de outra coisa porque aquela brincadeira já estava me cansando, ela tentou me convencer, mas recusei, e então ela disse que a Gilberta estava certa... que eu era chata, que não servia para brincar... não prestava para brincar com outros – e mais uma vez fiquei sem reação e não entendi porque ela estava falando tudo isso para mim. Entretanto, a Glenda era, da família, a que mais brincava comigo e como não queria parar com a brincadeira decidi aceitar continuar brincando do jeito que

³ Eu pegava as bonecas Barbie, os seus adereços, o boneco Ken e com outros brinquedos como geladeira e fogão eu montava uma casa e espaços de trabalho e começava a contextualizar a vida cotidiana das bonecas baseadas nos desenhos animados e filmes que assistia.

⁴ É “uma mistura de música eletrônica com canções ‘bregas’, muito popular no norte do país”. Informação disponível em: <http://culturabrasil.cmais.com.br/especiais/estudando-o-tecnobrega>.

estava (depois de alguns anos eu percebi que ela só brincava comigo por interesse nos meus brinquedos, especialmente pelas minhas bonecas Barbie). Essa foi a segunda vez que fui agredida e foi a primeira vez que cedi à vontade dos outros e por ter feito isso, reagindo de certa forma, só desabafei dançando na festa, dessa vez não dormi chorando.

Com o passar dos anos só sofria agressão verbal (bullying) por parte da Gilberta e da Glenda, pelo menos até a quarta série, mas ao passar para a quinta série a agressão por parte delas parou e passou a ser feita por alguns alunos da minha sala no novo colégio. A primeira vez que fui agredida na escola foi por conta de ciúme (até hoje não encontro outro motivo que não seja esse). A Valéria, uma das meninas populares da sala, não gostava de mim porque as amigas dela passavam mais tempo comigo no intervalo do que com ela. Em um dia, após a aula de educação física, eu estava trocando de roupa em um dos boxes do banheiro quando as amigas dela entraram conversando e uma delas perguntou no meio da conversa se alguém já tinha falado comigo sobre a Valéria, porque eu não podia sair por aí falando mal sobre ela. A partir do momento que ouvi elas falarem o meu nome, parei de me mexer e quando ouvi que estavam me acusando de algo que não tinha feito comecei a chorar baixinho. Esperei elas saírem do banheiro, terminei de trocar minha roupa, lavei meu rosto e fui para sala de aula. Na hora do intervalo ficava tentando fugir delas, mas elas conseguiram me parar para conversar. Elas começaram a me falar que eu não podia sair por aí espalhando mentira sobre os outros e eu, ao invés de me ajudar, fiquei tão nervosa que transformei o choro em sarcasmo – até hoje não sei quem contou essa mentira sobre mim, mas acredito que foi a própria Valéria que falou isso para que as amigas dela me colocassem de lado.

Quase todos os dias, em casa, depois do almoço, buscava uma música para expressar meus movimentos (desabafar) – com o tempo as danças foram ficando mais longas. Eu sempre desabafava depois do almoço, porque era o horário que os meus pais estavam dormindo – nunca contei para eles que sofria bullying. O bullying ainda era feito por meio de palavras, algumas vezes cheguei a me questionar “o porquê de ficar tão sentida com o que acontecia, já que passava por isso há anos?”. No entanto, ser ofendida, insultada de mentirosa, excluída, intimidada, humilhada (estas três também integradas às agressões psicológica e moral) por outras pessoas em um lugar onde era buscado o recomeço, só me causava mais sofrimento. Diante disso, Silva (2015) aponta que o bullying pode acontecer de forma direta ou indireta, porém dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de agressão, que contribuem não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar e a vítima pode se expressar das mais variadas formas. As agressões verbal,

psicológica e moral, citadas, fazem parte das diversas formas de bullying que podem causar danos irreversíveis na vida do indivíduo. Entretanto, eu nunca pensei em pedir transferência de colégio ou pensar/fazer alguma coisa que prejudicasse alguém.

Dentre as coisas que Sandra compartilhou comigo, ela disse que:

Proferir sobre o Fenômeno Bullying, é dialogar sobre as nossas histórias de vida. Ou seja, se relembrarmos o nosso histórico no contexto escolar, vamos perceber que em algum momento, mesmo que não tenha deixado marcas conscientes, estivemos num contexto de Bullying, seja sendo vítima, expectador ou como agressor. Na escola, é comum que os alunos brinquem de forma natural e espontânea com os demais alunos. É comum os jovens colocarem apelidos uns nos outros, zombarem⁵ dos demais e/ou de si mesmo. O grupo de alunos que participam das brincadeiras consequentemente estão rindo e se divertindo. Porém, quando as brincadeiras passam a ter cunho de segundas intenções, elas se tornam atos de violência que podem ultrapassar os limites de cada um. (CAMPOS, 2019).

Diante disso, ao passar para a sexta série eu iria mudar de colégio, por motivo financeiro, mas a transferência não deu certo e voltei para o colégio com poucas semanas antes da primeira avaliação e, como a turma que estudei no ano anterior já estava lotada, precisei trocar de turma. Na nova turma, comecei a sofrer bullying – envolvendo agressões psicológicas e morais como humilhações, discriminação, exclusão e ridicularização – por ser dedicada aos estudos, como resultado disto tirava notas altas e, de certa forma, os professores me olhavam com um certo favoritismo. Isso resultou-me algumas denominações, como *nerd*⁶, e alguns interessados no bem próprio – houve um dia que uma das meninas que me agredia nessa nova turma pediu minha ajuda com o dever de uma disciplina e eu a ajudei com toda a boa vontade, porém, no mesmo dia, a ouvi conversando com uma de suas amigas sobre uma festa que ela iria promover, esta amiga perguntou se eu seria convidada e a menina disse que não, que ela não tinha motivo de me convidar, porque eu só prestava para ajudá-la com o dever, para outras coisas eu não prestava. Todavia, apesar disso, nesse ano não teve algo que mais me machucou do que presenciar uma pessoa fugindo de mim pelo simples fato de ser quem eu sou.

No meu primeiro dia de aula de volta ao colégio, fiquei me sentindo uma estranha, na hora do intervalo mais ainda, até que avistei uma das minhas primas de segundo grau, a Gleice (ela é um ano mais nova que eu), passeando com uma amiga dela; quando fui me aproximar dela os passos de caminhada passaram a ser de corrida, cheguei a ir atrás dela... o

⁵ Palavra de duas sílabas, significa “fazer de (alguém ou de algo) objeto de riso, crítica, escárnio ou desdém; desdenhar, caçoar”. (FERREIRA, 2010, p. 798).

⁶ Palavra do inglês, já inserida no vocabulário português, que significa “pessoa muito estudiosa” (FERREIRA, 2010, p. 530). Não é uma palavra ofensiva, porém ela me era empregada como se eu fosse uma pessoa antissocial e isso me machucava.

dinheiro dela caiu do bolso, ajuntei e a chamei dizendo que tinha caído dinheiro do bolso dela, só que quando a chamei percebi que ela estava correndo de mim... ela voltou para pegar o dinheiro e depois de entregar fui andando para o banheiro super envergonhada. Nesse dia aproveitei a tarde para desabafar, porque minha mãe estava no trabalho e meu pai tinha ido ao médico – foi a primeira vez que consegui chorar sem precisar sufocar o choro, foi o dia que mais consegui expressar movimentos.

Na sétima série, o bullying continuava, mas nesse ano pessoas tentaram se intrometer na minha vida particular, e estas pessoas eram as mesmas que reprimiam-me. Era o horário da aula de português, o professor estava ditando um exercício e as pessoas populares da sala estavam no fundão cochichando; houve um momento que a turma ficou em silêncio fazendo o dever, então uma das populares me perguntou, sem existir um motivo prévio, se eu ainda era bv⁷, respondi perguntando por que isso seria do interesse dela e, como não dei uma resposta concreta, a amiga dela disse que se eu era bv não era porque eu queria era porque eu não tinha com quem perder – nesse momento percebi que todos da turma tinham parado de fazer o dever para presenciar o que acontecia e eu, mesmo constrangida, tomei coragem e respondi que “ela não tinha nada a ver com a minha vida, que eu estava quieta no meu canto e que se ela tivesse que mexer com alguém, por que ela não mexia com alguém que a desse confiança, porque eu não a dava e nunca a dei”. Pela primeira vez, meu desabafo de depois do almoço não foi só de tristeza. Foi o dia em que mais eu senti a energia dilatar dentro de mim.

Baseado nisso, Silva (2006) relata que há agressões observadas no bullying chamadas de “agressões entre iguais”, significa que os envolvidos (nesse caso os alunos) partilham do mesmo espaço físico e têm idades semelhantes. Por isso é necessário que haja cuidado ao analisar o bullying, “uma vez que se difere da violência escolar comum e é corriqueiramente confundido com brincadeiras de criança, o que dificulta sua identificação. Porém, o bullying tem suas características particulares, o que o faz diferente das demais formas de violência”. (CAMPOS, 2019).

Após tomar coragem para enfrentar alguém, comecei a relembrar, em pedaços, o dia de quando me machucaram pela primeira vez e relembrar as vezes que pessoas ajudaram para que este machucado crescesse. Esses *flashes* de memória vinham sempre quando estava conversando com o meu grupo de amigas do colégio. Eu tentava, por vezes, falar o que tinha acontecido comigo e como me sentia a respeito, mas eu sempre travava; porém, houve um dia que estava determinada a contar para as minhas amigas o que se passava comigo, só que

⁷ Sigla que define boca virgem.

quando cheguei no grupo da conversa para contar, uma amiga afirmou que *sofrer bullying dentro da família é normal, que até ajuda a crescer*. Quando a ouvi dizendo isso, comecei a pensar que o que eu tinha passado e ainda passava não era da importância de ninguém e que talvez fosse por isso que sempre travava quando tentava contar a agressão para elas – cheguei a pensar, também, que esse seria o motivo de eu nunca ter tomado coragem para contar para os meus pais que era vítima de bullying e que por isso escolhia um horário específico na minha casa para desabafar, porque precisava passar por essa situação sozinha.

Hoje, sei que a afirmação da minha amiga de escola não é verdade e por tempos pensei que esses tipos de comentários não existissem mais. No entanto, recentemente, já cheguei a ouvir pessoas comentando em rodas de conversa coisas completamente sem lógica e que desestabilizam quem sofre bullying e provocando na vítima a falta de coragem para falar para alguém próximo o que acontecia, assim como ocorreu comigo: não reagimos ao bullying porque é algo normal, ou porque gostamos de ser agredidos ou porque deixamos acontecer como forma de chamar atenção... nós não reagimos porque nos sentimos desamparados. De modo particular, todas as vezes que era agredida verbalmente me sentia nua, desprotegida e incapaz, porque não conseguia me defender.

Sempre me considerei uma pessoa sozinha: não tinha ninguém que falasse a meu favor todas as vezes que sofri alguma agressão, não conseguia e achava que não precisava compartilhar isso com ninguém, e por várias vezes tive que engolir o choro para que ninguém me visse triste e viesse perguntar alguma coisa.

Contudo, sempre soube que dançar de modo interpretativo me ajudava a colocar para fora tudo o que acontecia comigo e por isso, quando adolescente, intitulei esse meu momento diário de desabafo. No entanto, o que eu não sabia é que nunca cheguei a um extremo, como tentar me matar, me machucar fisicamente para suprir a dor da agressão, porque todas as vezes que eu desabafava, era reconstruída – isto não significa que o que tinha acontecido era jogado no lixo, significa que a cada desabafo eu era/sou renovada. É válido ressaltar que a reconstrução é a atualização mais vigente feita na escrita de si, pois:

a desconstrução inclemente da noção clássica de sujeito tem como horizonte, independentemente das suas variadas formulações, a abertura para a compreensão de uma subjetividade sempre em devir, de processos de subjetivação que não atendem a nenhuma finalidade preconcebida, pois que elas só se processam no acontecer contínuo e aleatório da própria vida. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 39).

No ensino médio comecei aos poucos, nos meus desabafos, o processo de cicatrização⁸, mas, como sempre tinha alguém para impedir que a cicatrização acontecesse, comecei, de forma espontânea e sem perceber, a guardar em cômodos da casa tudo o que já tinha acontecido e o que acontecia e fechava as portas destes cômodos com chave para garantir que o que estava guardado não saísse de lá. Com isso, os meus desabafos diários foram diminuindo e comecei a pensar que a ferida havia sumido, mas na verdade estava tudo guardado.

[...]

2.1 Escada: da cicatrização lógica para a cicatrização improvável

Desde que me entendo por gente sonhava com um curso na área da saúde. Sempre que dava a mamãe me levava para o trabalho com ela – a mamãe sabia que eu gostava de ficar vendo os profissionais da saúde trabalhar, principalmente os médicos e os técnicos de enfermagem. Esse fascínio começou dentro de casa, cresci vendo minha mãe aplicando injeções, fazendo curativos e verificando P.A⁹ – quando criança falava para ela que quando eu crescesse ela ia me ensinar a aplicar injeção e verificar pressão.

Quando cheguei na idade da adolescência, afirmava com convicção para todos que me perguntavam qual o curso que iria fazer: medicina. Algumas pessoas me perguntavam se tinha outro curso como segunda opção e eu dizia que não. Não existia nenhum outro curso que me interessasse, nem mesmo na área da saúde.

Em 2014, concluí o ensino médio, porém não consegui passar no curso de medicina nas universidades públicas, todavia em nenhum momento fiquei triste por não ter sido aprovada no vestibular e, ainda mais, afirmei que tentaria de novo no próximo ano e fui comemorar a aprovação dos meus amigos.

Perto do final do primeiro ano de cursinho, aproveitava o tempo livre para ficar estudando na biblioteca do próprio cursinho. Um dos meus costumes na biblioteca era verificar as notas mínima e máxima na tabela de notas do processo seletivo da UFPA (Universidade Federal do Pará) do ano anterior. No entanto, houve um dia que ao fechar a pasta da tabela os meus olhos foram direcionados fixamente para o curso de teatro, só que

⁸ Comecei a tentar não ligar para as coisas ofensivas que as pessoas falavam para mim e de mim.

⁹ “A pressão exercida pelo sangue sobre parede arterial.” (FERREIRA, 2010, p. 609).

nesse dia achei isso normal, até porque os cursos ficam listados por ordem alfabética e o curso de teatro fica na última página, algo normal (achei até interessante, porque não sabia que tinha graduação de teatro em Belém). Entretanto, o olhar fixamente para o curso de teatro todas as vezes que fechava a pasta da tabela de notas começou a ficar constante e começou a me incomodar: “por que toda a vez que fechava a tabela meus olhos iam diretamente para esse curso, sendo que tem outros cursos na última página da tabela?”

Ansiosa para descobrir o porquê de tanto olhar para o curso de teatro na tabela de notas resolvi, aproveitando que estava no período das inscrições para o processo seletivo da UFPA, me inscrever para a graduação em teatro e como ainda havia a prova de habilidades¹⁰ como exigência para concorrer ao curso, me inscrevi em teatro como primeira opção de curso e medicina como segunda opção.

Ao ler o documento para a realização da prova de habilidades senti pela primeira vez o nervosismo e a preocupação por, simplesmente, pensar em não ser aprovada no curso. Não tinha experiência nenhuma em artes cênicas, o máximo que já tinha feito era participar de apresentações de períodos festivos na igreja, como a coroação de Nossa Senhora, e no hospital onde a mamãe trabalha, como Auto de Natal. Em vista disso, fui conversar com o professor de Artes do cursinho para saber se ele conhecia alguma pessoa que trabalhasse como ator ou diretor para me ajudar a estudar para a prova de habilidades e para a minha surpresa esse professor é um ator e diretor amador, e se dispôs a me ajudar na preparação para a prova.

Me preparei para a prova de habilidades durante 4 finais de semana. No dia da prova houve situações para que eu não a fizesse: demorei, aproximadamente, uma hora na parada de ônibus e ao chegar no local da prova percebi que tinha esquecido de levar a minha identidade e que não ia conseguir buscá-la e voltar para o local da prova em 40 minutos – comecei a entrar em desespero; minha mãe, que tinha ido me acompanhar, viu minha inquietação e me perguntou o que tinha acontecido para que eu estivesse daquele jeito e, quase chorando, disse para ela que não ia mais fazer a prova porque tinha esquecido o meu documento de identificação em casa (*no entanto nada do que tinha acontecido desde a primeira vez que olhei para o curso de teatro naquela tabela de notas foi à toa*). Mamãe disse para acalmar-

¹⁰ A prova de habilidades para a graduação em Teatro na UFPA era apresentar um monólogo de livre escolha de, no máximo, 3 minutos e nós (candidatos) tínhamos que dar conta de tudo (cenário e caracterização do personagem). Essa prova foi vigente até o processo seletivo de 2016. A existência de uma segunda opção para as pessoas que se inscreviam para o curso de Teatro era porque se o candidato não fosse aprovado na prova de habilidades ele, automaticamente, tinha a sua inscrição nesse curso cancelada, mas tendo a chance de ser aprovado no curso que colocou como segunda opção.

me, abriu a bolsa e me entregou a minha identidade dizendo que a tinha visto em cima da mesa e que colocou dentro da bolsa porque tinha certeza que eu ia precisar. Assim, fui fazer a prova com o coração cheio de esperança.

O resultado com os aprovados na prova de habilidades estava marcado para sair em uma terça, porém, por curiosidade, acessei o site da UFPA dois dias antes para ver se já tinha alguma coisa a respeito e para a minha surpresa já tinham postado o resultado preliminar da prova. Completamente nervosa preocupada em não ter sido aprovada, abri o documento com o resultado preliminar e alegrei-me ao ver meu nome lá – o fato de meu nome estar naquele documento me emocionou tanto que até saí para comemorar: deliciar um sorvete. No dia que saiu o resultado oficial também acessei o site da UFPA só para ter certeza de que, realmente, tinha sido aprovada, porque, até então, a esperança que tinha de ser aprovada nesse curso era nenhuma, mas ao mesmo tempo ficava nervosa com a possibilidade de não ser aprovada nele. “Eu sei, é complicado de entender, também não me entendia direito na época”.

Quando paro para pensar no início da minha caminhada no teatro me comparo um pouco com a passagem bíblica que fala sobre quando Deus chama Samuel¹¹. Quando revelei para os meus amigos mais próximos que estava concorrendo a uma vaga no curso de teatro, eles me perguntaram o porquê de eu ter escolhido teatro, um curso que não tem nada a ver com medicina, e lhes respondi contando sobre o que tinha acontecido na biblioteca do cursinho, mas isto só fez com que eles reafirmassem que minha escolha por cursar teatro não tinha nada a ver.

A pequena comparação que faço com o profeta é porque, depois de tanto refletir sobre a pergunta dos meus amigos, cheguei à conclusão que tinha escolhido cursar teatro, porque o Senhor me chamou – falo isso sem ironia –, mas, ao contrário de Samuel, segui o chamado duvidando se ele realmente era para mim.

Mesmo sendo aprovada no curso de Licenciatura em Teatro decidi fazer mais um ano de cursinho, porque não sabia se teatro era o que realmente queria – pela manhã ia para o cursinho e pela noite ia para universidade estudar teatro. No entanto, não podia ficar nessa dúvida para sempre e, coincidência ou não, a dúvida terminou enquanto esperava o início de um espetáculo no Teatro Margarida Schivasappa: todos os assentos da plateia estavam preenchidos, tinha ido sozinha assistir a peça, enquanto a cortina não abria havia bastante conversa na plateia até que tive a sensação de estar sozinha no teatro e me veio o seguinte questionamento: *uma hora tu vais ter que decidir se é teatro ou medicina. Tu sabes que não*

¹¹ 1 Samuel 3, 1-21 (BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: PAULUS, 2002. p. 394).

podes cursar dois cursos em universidade pública, mesmo se tu fores pra uma estadual e outra federal. E aí? O que vai ser? E nesse momento me senti pressionada a ter uma resposta e o modo de escolher, que pensei na hora, foi colocar os dois cursos em uma balança.

Fui pensando, fui pensando até que em um momento pesou mais para o lado da medicina e na mesma hora comecei a sentir um aperto no peito como se estivesse com um vazio no meu coração. Igualei a balança, voltei a pesar e toda a vez que tendia mais para o lado da medicina sentia de novo o aperto no peito, então percebi que se deixasse de estudar teatro eu sempre teria um vazio no peito. Dessa forma, respondendo o questionamento, “sempre vou ter um grande apreço pela medicina, mas escolhi continuar com o teatro” – com a escolha feita a dor no peito foi embora e voltei a escutar as pessoas conversando.

Ao chegar em casa comuniquei a mamãe que não queria mais tentar vestibular para medicina, mas que iria continuar no cursinho porque queria cursar bacharelado em teatro no Rio de Janeiro – a mamãe perguntou o porquê de eu não querer mais medicina, expliquei o que tinha acontecido e ela disse para aguardar uma semana que ela ia ver se dava para eu ir estudar na universidade do Rio.

Após uma semana minha mãe comunicou que não teria como ela me bancar se eu fosse estudar para o Rio de Janeiro. Diante disso, cancelei as matrículas no cursinho, curso específico em matemática e específico em redação e me dediquei integralmente para a graduação em Teatro.

No decorrer do primeiro ano de curso fui me apaixonando pelo que estudava e a cada dia me alegrava mais de ter escolhido o teatro ao invés da medicina. No primeiro semestre do segundo ano da graduação comecei a estudar a disciplina Performance, ministrada pela professora Karine Jansen¹². A avaliação dessa disciplina era uma apresentação performática e após a apresentação da performance tínhamos que entregar um memorial contando sobre o processo de criação – confesso que fiquei muito preocupada, porque não fazia ideia do que apresentar baseado nos trabalhos dos performers que a professora nos apresentava em sala, como Marina Abramović¹³.

¹² Possui graduação em Especialização pela Universidade de São Paulo (1992), graduação em Direito pela Universidade Federal do Pará (1989), mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2004) e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2008). Atualmente é básico, técnico e tecnológico da Universidade Federal do Pará e carreira magistério superior da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Ensino em Artes Cênicas, atuando principalmente nos seguintes temas: performance, artes cênicas, teatro, ensino das artes e memória. Informações obtidas em: <http://lattes.cnpq.br/5875820201443540>.

¹³ É considerada uma das principais artistas performáticas contemporâneas. Seus trabalhos questionam as identidades de gênero e procuram testar as fronteiras do corpo e a relação entre o corpo e a mente. Informação disponível em: https://www.ebiografia.com/marina_abramovic/.

Pesquisando nas apostilas oferecidas pela professora encontrei uma que falava sobre o performer Flávio de Carvalho e que me fez lembrar o que o professor Paulo Santana (2017) havia me falado: “a performance é algo pessoal, algo teu”. Na apostila, Zeca Ligiero fala que:

em suas performances, Flávio de Carvalho não estava tentando copiar ou representar ninguém. Poderíamos incluí-lo na categoria do autoperformer, ou do *self-performer*, uma vez que o material trabalhado pertencia exclusivamente ao próprio autor, ou considerá-lo como um artista vivenciando o seu próprio trabalho na forma de uma performance caminhante. (2011, p. 42-43).

Tendo como base essa citação comecei a procurar o que apresentar como performance, e como no ditado popular “quem procura acha”, encontrei a chave que abria a porta de um dos cômodos onde há anos eu tinha guardado algumas daquelas agressões; ao destrancar a porta decidi que iria apresentar uma performance falando da minha vivência com o bullying.

Para o processo de criação da performance utilizei da prática de exaustão por meio da repetição de movimentos e neste período comecei a perceber, na prática, o que Eugenio Barba fala, em *A Canoa de Papel: Tratado de Antropologia Teatral*, a antropologia teatral fala em sua definição que quando o corpo começa a expandir energia em movimentos que estão além do cotidiano, e estes utilizam diferentes modos no fazer, identifica-se que isso não é mais só teatro (BARBA, 1994, p. 23) e sim dança-teatro. Esse termo é de origem oriental, para os orientais não existe uma dura distinção entre dança e teatro, porque desde crianças eles aprendem e praticam os dois como um só. O termo dança-teatro foi apresentado ao Barba, com mais profundidade, em sua pesquisa no Oriente e esse termo o ajudou a construir a definição de Antropologia Teatral.

Perto do dia da apresentação ainda não tinha conseguido fechar na prática o que tinha idealizado para a performance, então fiz o que, ultimamente, estava mais acostumada a fazer: conversar com Deus. Ao conversar com Ele entendi o que senti, na primeira vez que desabafei, a sensação de ter dançado à dois e antes disto a sensação estranha de uma música tocando dentro de mim: era Deus me chamando para dançar. Depois da conversa com Ele, concluí que nunca estive sozinha como achava e, assim, decidi que o nome da minha performance seria **HOJE RECONHEÇO QUE NUNCA ME ABANDONASTES** – hoje, se pudesse, trocaria o nome dessa performance para “**Hoje reconheço que nunca estive só**”.

Figura 2 – Reconhecimento de que sempre houve alguém por mim.



Foto: Diego Leal.

Quando, na performance, eu descobria que nunca estive sozinha, olhava para a plateia e começava a entregar para as pessoas papéis com frases opostas aos que os agressores falam: *acredite, sempre haverá alguém que te ama; linda(o); você é querida(o)*. Ao finalizar a apresentação eu fiquei impressionada com a quantidade de pessoas da plateia que foram atravessadas – não imaginava que esse assunto ia tocar tanta gente.

Figura 3 – Entregar mensagens como acolhimento.



Foto: Diego Leal.

Em 2018, eu rerepresentei a performance na semana dos calouros, para os do curso de teatro. Ao terminar a apresentação senti meu corpo totalmente energizado, como se eu tivesse apresentado pela primeira vez. Enquanto esperava os calouros saírem da sala, uma moça veio falar comigo de maneira determinada: ela me pediu para que eu entendesse que ela precisava daquele papel com aquela frase e que ela não podia me devolver. Olhei para ela e disse que não precisava me devolver, porque os papéis entregues eram para as pessoas levarem e antes de ela ir embora me olhou no fundo dos olhos e sorriu.

A fala dessa caloura ficou ecoando na minha cabeça por muito tempo. Barba, em **Além das Ilhas Flutuantes**, fala que:

tanto o ‘segredo’ como a ‘troca’ baseiam-se em interesses e expectativas recíprocas e não em uma geral e vaga necessidade artística. Na ‘troca’ reside o segredo de como utilizar e, ao mesmo tempo, gastar o teatro. E, no ‘segredo’, o momento mais alto de um intercâmbio. (1991, p. 19).

A partir do dia que determinei que a minha pesquisa de conclusão de curso iria falar sobre minha trajetória, muitas contradições a respeito do tema vieram na minha cabeça e várias vezes pensei em desistir dele, porém, em todas essas vezes a frase da caloura ecoava na minha cabeça e eu entendia que eu não podia trocar minha pesquisa por outra, porque, por meio do meu compartilhamento, eu iria ajudar muitas pessoas. Assim, eu concluí em uma

noite voltando para casa, durante uma conversa com um motorista de uber¹⁴, que ‘a medicina não iria me dar a cura que o teatro me deu’.

[...]

¹⁴ Empresa que trabalha com transporte particular.

3 ACESSO AO QUARTO

Nasci e fui criada no catolicismo. Desde criança eu ia para as missas dominicais com os meus pais e por vontade própria. Sou sacramentada no Batismo, na Primeira Eucaristia e Crisma, cheguei a participar de formações para ministrar encontros de catequese, mas isto não foi para frente.

Sempre que possível eu tentava ter algum vínculo sólido na paróquia de perto de casa: buscava sempre participar das apresentações dirigidas pela pastoral da liturgia, como a coroação de Nossa Senhora, tentei fazer parte de um grupo de oração para jovens, pensei em me torna servidora do altar – mas eu não conseguia me encontrar em nenhum destes.

Em meados de 2011 comecei a frequentar o grupo de encenação da paróquia, mas nada profissional porque nenhuma pessoa do grupo tinha experiência com teatro. Depois de algumas apresentações, percebi que, por meio desse grupo, eu estava tendo o vínculo sólido que procurava. Entretanto, em 2012 o grupo foi desfeito por causa de desentendimentos e, desde então, eu não quis mais participar de nenhum grupo paroquial.

Ao ingressar na graduação em teatro conheci uma pessoa na minha turma, Amanda Linhares¹⁵, que faz parte da comunidade católica que eu mais sonhava em conhecer: CRISTO ALEGRIA, mas que nunca tinha ido porque não conhecia ninguém de lá. Com o tempo Amanda e eu nos tornamos amigas e desde então ela começou a me convidar para ir conhecer a comunidade, mas o convite sempre caía em um dia que eu já tinha compromisso.

No último sábado de novembro de 2016 enviei uma mensagem para Amanda perguntando se o convite para conhecer a comunidade estava de pé e ela, toda feliz, respondeu que sim. Ao chegar ao Comando Geral Militar do Corpo de Bombeiros¹⁶ ela me apresentou para toda a comunidade, me senti super acolhida com os sorrisos e cumprimentos das pessoas. Desde então não parei de frequentar a Comunidade Católica Cristo Alegria.

Com um tempo eu decidi que iria fazer parte, definitivamente, da comunidade, então comecei a escrever minha carta contando um pouco de mim e dizendo o porquê que eu pretendia me tornar um membro compromissado da Cristo Alegria. Essa decisão não foi tomada apenas porque era meu sonho conhecer a comunidade, mas porque eu, pela primeira vez, consegui me ver servindo na igreja antes de começar a servir.

¹⁵ Acadêmica em Licenciatura em Teatro, turma de 2016.

¹⁶ Avenida Júlio Cesar, nº 3000 – na descida do elevador Daniel Berg. Localização disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Comando+Geral+do+Corpo+de+Bombeiros+Militar+do+Par%C3%A1/@-1.4063274,-48.4665218,17z/data=!4m5!3m4!1s0x92a48bcf3e9c8e4b:0x17375e69f0882b02!8m2!3d-1.4068516!4d-48.4647006?hl=pt-BR&authuser=0>.

Para entender um pouco o que é a Cristo Alegria: a comunidade foi fundada em 26 de abril de 2001 e faz parte do ordinariado militar por conta do Fundador ser capelão militar – por isso, até então¹⁷, estamos ligados a Capela de Santo Expedito que fica dentro do Corpo de Bombeiros. É uma comunidade carismática e tem como carisma a Verdadeira Alegria. A Cristo Alegria é uma comunidade de aliança – ou seja, vive em comunidade segundo os ensinamentos de Deus e transmite o evangelho, mas sem ter que deixar família, residência e vida profissional – e está inserida no grupo das Novas Comunidades – “particularidades específicas com carismas específicos agregando valores específicos unidos a igreja, unidos a totalidade da igreja” (BARROSO, 2019).

No ano de 2015 foi formada a primeira turma de membros comprometidos e, como sinal de pertença, foi feito um cordão com o seguinte símbolo:

Figura 4 – Símbolo da Comunidade Cristo Alegria



Designer: Emanuel Duarte.

- O alfa e o ômega;
- A cabeça é Deus;
- O corpo são as pessoas da comunidade;
- As asas do Espírito Santo;
- O de Cristo;
- A de Alegria.

¹⁷ Enquanto comunidade, estamos trabalhando para conseguir um lugar que seja nosso.

O fio do cordão que compõe o sinal de pertença tem um nó no lado esquerdo, este nó significa obediência.

Ao ser tornar um membro compromissado da comunidade, a pessoa é destinada para servir em um ministério¹⁸. No ano de 2017 me tornei um membro compromissado e fui destinada para o ministério de teatro, nomeado *Floreat* – palavra do latim que tem como significado florescer, prosperar. Quando ainda estava no processo de formação para o compromisso, eu pedi para Deus, em oração, que Ele confirmasse minha vocação e quando eu fui destinada para o ministério de teatro afirmei para mim mesma que era por meio da arte que serviria a Deus, tanto dentro da igreja quanto no mundo. Com isso, ressalto que “a arte não foi feita para destruir, mas para transformar, para construir, para edificar.” (A ARTE QUE ME TRANSFORMA: A ESPIRITUALIDADE DO ARTISTA, p. 16).

Com um tempo de caminhada como compromissada eu comecei a pedir para Deus, nos momentos de oração, que Ele me ajudasse a destrancar as portas dos cômodos que estavam trancados – esse pedido veio porque eu comecei a ficar incomodada por desconhecer o que tinha na minha casa. No entanto, eu sabia que com a abertura de cada porta as minhas sessões de desabafo iriam voltar com frequência diária, mas estava disposta a passar por isso sem voltar atrás com a palavra.

Segundo a catequese de Bento XVI, “a arte é capaz de expressar e tornar visível a necessidade do homem de ir além do que se vê [...]”¹⁹, foi buscando ter intimidade com Deus por meio do teatro que a incomodação de descobrir mais sobre mim se tornou frequente – isso aconteceu no período que iniciei a escrita para o TCC e eu sabia que esse descobrir viria a acrescentar para minha pesquisa.

Conforme as portas dos cômodos iam sendo abertas eu ia me reconhecendo mais enquanto pessoa que sofreu, e por vezes sofre, bullying, mas que sempre teve do lado Nosso Senhor e Nossa Senhora para poder desabafar. Percebi que quanto mais eu permitisse que Deus adentrasse na minha casa, mas eu conseguiria me CONHECER.

Segundo o missionário da comunidade Canção Nova, Sandro Arquejada, “a grande busca do ser humano não está na possibilidade de dominar as coisas existentes neste mundo, nem mesmo na saciedade de nossas necessidades primeiras, mas em algo que venha revelar a verdadeira grandeza e essência de nós próprios [...]”²⁰. E me baseando nisso percebi que não dava para eu falar da minha trajetória sem falar da Cristo Alegria, porque desde o momento

¹⁸ Informação disponível em: <http://www.cristoalegria.com/missoes/>.

¹⁹ Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/catequese-de-bento-xvi-deus-arte-e-beleza/>.

²⁰ Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/evangelizar-pela-arte/>.

em que eu comecei a frequentar a comunidade eu fui reconstruída através do Espírito Santo, meu jeito de desabafar foi aprimorado, eu comecei a ter mais CORAGEM para falar sobre as agressões sofridas.

[...]

3.1 Porta: atravessar para descobrir

Determinada em falar sobre a comunidade na minha pesquisa de TCC, comecei a buscar em pessoas da Cristo Alegria um transbordar ao servir. Pesquisando sobre a presença do ator em cena, consegui entender o que eu estava procurando nas pessoas da comunidade quando Barba e Savarese dizem que:

Um corpo-em-vida é mais do que um corpo que vive.
Um corpo-em-vida dilata a presença do ator e a percepção do espectador.
Diante de certos atores, o espectador é atraído por uma energia elementar que o seduz sem mediação. Isso acontece antes mesmo que ele tenha decifrado cada ação, que tenha se interrogado sobre seu sentido e que o tenha compreendido. (2012, p. 52).

Essa referência explica em detalhes a sensação que eu tive quando presenciei a primeira ministração de dança do César²¹ e do Valente²². Conseguia sentir o corpo deles se dilatarem apenas em estarem parados no palco e quando começou a surgir os passos da coreografia, eu não conseguia enxergar neles apenas dançarinos, eles performavam a cada movimento feito. Neles eu consegui ver a dança-teatro, mas não só por causa de um preparo físico como também espiritual.

²¹ Compromissado da Comunidade Católica Cristo Alegria; Atua no ministério Social, ministério de Dança e ministério de Música; É acadêmico de Medicina na UFPA.

²² Compromissado da Comunidade Católica Cristo Alegria; Atua no ministério de Teatro, ministério de Dança e ministério de Música; É concluinte do curso de Nutrição da UFPA.

Figura 5 – Ministração da música "Alguém me tocou".



Foto: Jackeline Ponte.

A apresentação deles me foi propícia em **TUDO**:

- A apresentação aconteceu no V CCAJ (Congresso Cristo Alegria da Juventude)²³ que teve como tema “O mundo os odeia, porque vocês não são do mundo²⁴”;
 - Eu sabia do que eu queria falar no TCC e, também, tinha a certeza que a comunidade não poderia ficar de fora da pesquisa, mas muitas vezes eu fiquei receosa de falar da igreja pelo o que os outros iriam comentar.
- A música ministrada foi “Alguém me tocou”, composta por um membro compromissado;
 - Essa música fala sobre a mulher hemorrágica²⁵ que já havia feito de tudo para ser curada do sangramento, mas de nada adiantou até a fé dela a curar. Essa música foi a que me deu confirmação de que a minha pesquisa falaria sobre mim e vivência com Deus (principalmente quando a letra diz “E quanto te toquei / A cura eu encontrei / E comecei a falar, e comecei a falar”²⁶).

²³ “Encontro da comunidade com o objetivo de pescar almas para Deus. Um evento com a cara e a identidade Cristo Alegria. Voltado exclusivamente para a juventude, oportunizando a discussão de temas atuais à luz do ensinamento da Igreja Católica.”. Informação disponível em: <http://www.cristoalegria.com/missoes/>.

²⁴ João 17, 14 (BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: PAULUS, 2002. p. 1887).

²⁵ Marcos 5, 25-34 (BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: PAULUS, 2002. p. 1766).

²⁶ Letra da música disponível em: <https://www.letras.mus.br/cristo-alegria/alguem-me-tocou/>.

- O dia da apresentação foi no sábado, penúltimo dia de congresso e dia de Adoração.
 - A Adoração ao Santíssimo Sacramento para mim, desde que eu comecei a frequentar a comunidade, é o meu melhor momento para conversar com Deus e nesse dia a Adoração para mim foi de afirmação e confirmação.

No final do penúltimo dia do congresso eu cheguei a conversar com os meninos e expliquei para eles, resumidamente, o que seria a minha pesquisa e os convidei para representarem a comunidade no TCC junto comigo. Eles demoraram um pouco para responder, mas aceitaram o convite.

A cada ministração do César e do Valente eu tinha cada vez mais certeza de que Deus tinha preparado tudo direitinho para mim, para que eu não pensasse mais em desistir do tema da pesquisa. Novos rapazes começaram, também, a contribuir na ministração de dança, mas eles não conseguiam transmitir para mim, enquanto plateia, o mesmo que o César e o Valente.

Donoso relata que “a pré-expressividade é o nível no qual ele [o ator] se esforça para gerar presença, energia, aquilo que o faz torna-se vivo ao espectador antes mesmo que ele emita uma palavra ou faça algum gesto.” (2010, p. 25). O César e o Valente trabalham a pré-expressividade de modo involuntário; a prática e o processo de criação deles são baseados na oração e nos ensinamentos de Deus. E o querer deles em transmitir o melhor para Deus é o que os coloca no nível da pré-expressividade.

Ser ciente disso me ajuda, a cada dia, a tentar dar o melhor de mim para os outros, para Deus e para o Reino. As ministrações feitas pelos meninos não me mostravam só a certeza da pesquisa, elas me INSTIGAVAM a me descobrir cada vez mais. A pré-expressividade involuntária deles me atravessa e me faz voltar para mim.

[...]

4 CADA METRO QUADRADO

Marcar o início da vivência prática com os meninos não foi tão fácil devido a divergência de horários entre a gente. No entanto, nos entregamos de verdade a cada dia de prática. Entretanto, a nossa dificuldade não foi só pelo horário.

Dividi a vivência prática em três partes:

- **ADENTRAR;**
- **CONHECER;**
- **MOSTRAR.**

No Adentrar e Conhecer a vivência aconteceu com os praticantes de olhos fechados, até para que houvesse mais liberdade e intimidade no desenvolver da prática, e no Mostrar eles fizeram a prática de olhos abertos para que todos construíssem o resultado final juntos. Essa vivência prática teve como base os meus desabafos no momento de oração, cada parte foi intitulada com relação às visões que Deus me fornecia nesses desabafos – eu tentei guiar os meninos do mesmo jeito que o Senhor me guiou.

O Adentrar foi feito de modo individual: um dia César e eu, e outro dia Valente e eu. O intuito era que todos os encontros fossem realizados com os três juntos e dentro da Capela de Santo Expedito, mas para essa primeira parte, infelizmente, os horários não coincidiram.

Adentrar: César – Valente.

Objetivo: Compartilhar um pouco sobre os motivos de desabafar e imergi-los em suas casas, impulsionando-os a encontrar coisas significativas para a vida deles e que os ajudam a crescer. Concluindo o adentrar desabafando por meio da dança interpretativa e falando sobre tudo o que aconteceu (experiência) na vivência.

O Adentrar com o César aconteceu dentro da Capela de Santo Expedito pela parte da manhã. A finalidade do Adentrar é permitir deixar Deus conduzir. Permitir que Ele desempenhe o papel de morador da casa e vá abrindo as portas dos cômodos para nós.

Figura 6 – Adentrar - César.



Foto: Maiára Ângelo.

A partir do Adentrar com o Valente, infelizmente, não conseguimos continuar a proposta de realizar as vivências na Capela de Santo Expedito, porque tivemos, enquanto comunidade, uma restrição drástica de horário no período da noite – e esse era o único horário que o Valente tinha disponível. Desse modo, a vivência do Adentrar com ele aconteceu na sala 04 da Escola de Teatro e Dança da UFPA, do final da tarde para início da noite.

Figura 7 – Adentrar - Valente.



Foto: Odin Gabriel.

A intenção das vivências serem realizadas dentro da capela era porque lá teríamos mais proximidade com Deus, o ambiente de lá propiciava para isso. Quando as práticas tiveram que ser transferidas para uma das salas da Escola de Teatro e Dança da UFPA, eu fiquei preocupada, porque eu ia levar os meninos para um espaço cujo ambiente é propiciado para outras coisas. No entanto, a pré-expressividade deles relacionadas a oração é tão grande que eles conseguiram tornar aquele ambiente propício para a vivência – todas as vezes, iniciávamos a vivência com um momento de oração.

Ao finalizar a primeira parte, perguntei a eles o que tinham achado e a resposta deles foi praticamente a mesma: a sensação de ser livre na presença de Deus e ver o quanto Ele está presente no dia a dia. O Adentrar nos ajuda a ver o que a correria do cotidiano nos impede.

Passando para a parte do Conhecer, não tinha como essa vivência ser feita de modo individual, porque é necessário que haja a dilatação dos corpos no mesmo ambiente. O propósito disso não é para que, em um determinado momento, os praticantes cheguem próximos de uma mesma frequência, mas para que quando eles abram os olhos estejam de frente um para o outro – o significado disto é para que sejam conscientes de que não precisam lidar com tudo sozinhos.

A finalidade do Conhecer é que, após o adentrar a casa e relembrar o que habita nos cômodos, haja o reconhecimento de cada coisa que foi vista, ou seja, que afirmem a pessoa que são, a personalidade que tem, as coisas que gostam e as que não gostam; utilizando isso ao seu favor para seguir a vontade de Deus.

Nessa segunda parte eu não pratiquei junto com os meninos, porque, dessa vez, eu precisava ver, além do sentir, o transbordar dos corpos deles – a cada instrução que eu ia dizendo – e a reação deles ao abrirem os olhos e se verem – eles se olharam, sorriram e depois nos abraçamos.

No Mostrar, eu montei a estrutura do resultado final, baseado no que foi a vivência do Adentrar e do Conhecer, e juntos desenvolvemos cada parte dessa. Pode-se dizer que o Mostrar foi como uma finalização de disciplina, usando comparativos, porém com uma diferença: eu pensei no Mostrar como algo que tem continuidade. A busca por essa continuidade não é:

por uma ligação que leva o presente a reconhecer-se no passado através de uma solidariedade que possa se apresentar como histórica, mas por uma unidade de

tempo massiva, não formalizável, que é a unidade da vida mesma que ali, novamente, no presente, se reconhece em sua sucessão temporal, como algo que foi e continua sendo. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 49).

E foi no pensar de algo que continua que eu percebi, na minha trajetória, o significado de dormir chorando e desabafar pela manhã. No dia da apresentação do Mostrar para a comunidade, o Valente citou algo sobre as Bodas de Caná²⁷ e logo após que ele fez esta citação, eu lembrei, não sei o porquê, da primeira vez que fui agredida e do desabafo no dia seguinte, e não demorou para que eu começasse a comparar essa leitura com a minha história: quando eu fui agredida um buraco em mim foi formado (falta do vinho), o choro foi o que me ajudou a dormir (Nossa Senhora foi comunicar Jesus que o vinho havia acabado e pediu sua ajuda) e o desabafar ajuda a me renovar (Jesus transformou a água em vinho).

Sendo mais clara: lembrando, percebi que quando eu sentei naquela cadeira e comecei a chorar eu recorri a Maria – quando em silêncio pedia para que ninguém me visse chorar – e, assim como nas Bodas de Caná, ela não deixou que eu me sentisse desamparada; e enquanto eu dormia, ela pedia para o seu Filho ir em meu socorro; e ao me convidar para dançar, Jesus me ofereceu o vinho novo.

[...]

4.1 Piso: (re)descobrir e reconstruir

“Contar uma vida significa optar pelos saltos de perspectiva e repudiar a ideia de uma única origem que se desdobra num fio cronológico.” (BARBA, 2014, p. 32)

Estando no período da primeira parte da vivência prática, apareceu para nós [eu, César e Valente] a oportunidade de apresentar, o que fazíamos trancados em uma sala, para um público de artistas. Fizemos a inscrição para apresentar uma performance no XI Seminário de Pesquisa em Teatro e fomos aprovados. Essa apresentação nos rendeu o nome para resultado da nossa vivência – **CASA: ÍNTIMO-ABRANGENTE**.

No dia 4 de novembro de 2019 apresentamos, de modo experimental, uma performance da nossa vivência prática. Como o próprio nome diz, nós falamos sobre nossas casas... sobre a dificuldade de nos conhecermos... sobre como Deus faz toda a diferença como morador das casas.

²⁷ João 2, 1-12 (BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: PAULUS, 2002. p. 1846).

Entretanto, devido alguns acontecimentos e insegurança, eu pensei em conversar com o César e com o Valente para que a gente cancelasse a apresentação. No entanto, no dia 4 de novembro pela manhã, lendo a liturgia diária, na primeira leitura do dia me veio a seguinte frase: “Na verdade, tudo é dele, por ele e para ele. A ele, a glória para sempre. Amém!” (2019, p. 33). Lendo isso lembrei que um dos objetivos da minha pesquisa é falar sobre como Deus faz diferença na minha vida, na minha história. Assim, deixei de lado os acontecimentos, engoli a insegurança e fui para a Escola de Teatro e Dança da UFPA me preparar para a performance.

Apresentamos a performance na mesma sala que as vivências aconteciam. Para essa mostra decidimos falar sobre a experiência do Adentrar, que era até onde tínhamos ido, por meio da música *Casa* da Comunidade Católica Colo de Deus. Pedimos para que o público ocupasse o espaço em forma de arena e nos colocamos em pontos específicos e distantes uns dos outros dentro da arena.

Nós preparamos uma apresentação que dependesse apenas de nós: a música, cantamos a capela, o cenário era a disposição de como o público estava e a iluminação foi a luz geral da sala. Uma apresentação que em tudo nos ajudou a falar sobre o quão abrangente que é a intimidade em nossas casas.

Figura 8 – Apresentação experimental, em forma de performance, de CASA: ÍNTIMO-ABRANGENTE.



Foto: Comissão de Apoio do XI Seminário de Pesquisa em Teatro.

Nessa performance eu pude, pela primeira vez, trabalhar com os meninos o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no desenrolar de movimentos. Em um dia, ouvindo músicas católicas no meu quarto, eu senti a vontade de começar a rezar fazendo o uso de Libras – não sou tradutora e a única referência que tenho é da disciplina de Libras da grade curricular do curso de teatro –, então comecei a traduzir palavras da música que estava ouvindo com sinais que ainda lembrava das aulas de Libras. Ter essa experiência, mesmo traduzindo poucas palavras, foi indescritível e quando surgiu a oportunidade de realizarmos uma apresentação experimental da vivência prática, eu sugeri para os meninos que trabalhássemos com a Libras em alguma parte da música que usaríamos para a performance, e para minha alegria eles concordaram.

Após a apresentação algumas pessoas vieram nos cumprimentar: umas nos parabenizaram pelo trabalho e outras nos parabenizaram pelo trabalho e pela coragem por termos realizado uma apresentação que falasse sobre Deus dentro da Escola de Teatro e

Dança da UFPA. Esses usaram a palavra *coragem* no sentido positivo, mas houve pessoas que fizeram uso dessa palavra no sentido contrário, só que estas não vieram falar diretamente com um de nós: **A-F-R-O-N-T-A**, esta é a palavra que definia nossa performance para essas pessoas. Contudo, nosso objetivo, além de mostrar o desenvolvimento da pesquisa, era falar sobre a presença de Deus em nós, não estávamos ofendendo ninguém.

A apresentação oficial de **CASA: ÍNTIMO-ABRANGENTE** aconteceu em 1º de dezembro, pela manhã, dentro da Capela de Santo Expedito para as pessoas que frequentam a Comunidade Cristo Alegria. Para a apresentação do resultado das vivências foi elaborado um roteiro para que tivéssemos a certeza de que não iríamos esquecer de nada.

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

1ª música: *Dance Comigo*, de Rafael Faleiro.

Essa música é a minha história cantada, por isso a apresento em solo. Não é a história toda, ela acompanha até o momento que eu começo a desenvolver minha pesquisa de TCC.

– Marta está deitada no chão de costas para a plateia e com o rosto voltado para o chão, simbolizando o choro antes de dormir;

Figura 9 – Dormir chorando.



Foto: Yuri Kamizono.

– Sente alguém tocar em seu braço, se vira para olhar quem é e se depara com Jesus que lhe ajuda a levantar, a limpar os joelhos e a convida para dançar;

Figura 10 – Convite para dançar.



Foto: Yuri Kamizono.

– Aos poucos, Jesus começa a lhe mostrar novos movimentos, mas ela não consegue fazê-los, porque tenta fazer do mesmo jeito que outras pessoas fazem e o Senhor diz que ela precisa fazer do seu próprio jeito e quando ela para de tentar imitar os outros, os movimentos começam a sair e aos poucos eles são aprimorados, isso também a ajuda a escutar Deus lhe falando que é para cursar Teatro ao invés de Medicina, pois Ele tem um propósito maior para ela nas artes cênicas;

Figura 11 – Aprimorar dos movimentos e novos caminhos.



Foto: Yuri Kamizono.

– Aos poucos, Marta começa a perceber que o curso de Teatro lhe ajuda a desenvolver mais movimentos, lhe mostra que sua prática tem a ver com dança-teatro e isto a instiga a fazer mais, até que Marta começa a pensar em tudo o que já aconteceu e decide que irá falar sobre tudo isso no seu Trabalho de Conclusão de Curso, porém Deus lhe diz que está faltando algo;

Figura 12 – Sendo revelada pelo curso de teatro.



Foto: Yuri Kamizono.

– Na parte “Eu dançarei com você”, após o instrumental da música, César e Valente, que estão no início do corredor, dançam o refrão de *Alguém me tocou* e quando Marta os vê dançando percebe o que estava faltando na sua pesquisa, ao final da ministração eles comemoram, Marta chega parabenizando-os pela ministração e lhes convida a fazer parte da sua pesquisa de TCC, eles aceitam e começam a ter a vivência prática com ela.

Figura 13 – Instigada a não trabalhar sozinha.



Foto: Yuri Kamizono.

2ª música: *A Casa É Sua*, de Casa Worship.

Ao pensar em uma música que desse continuidade a história, “A Casa É Sua” é fundamental. A letra da música, além de relatar a partir do momento que convido os meninos para me ajudarem na pesquisa até o início da vivência prática com eles, representa a nossa prática do Adentrar.

– Ao começar a música, Marta, César e Valente desenham a porta e a maçaneta da casa, seguram a maçaneta, se olham, abrem a porta para dentro e entram.

Figura 14 – Adentrar a casa.



Foto: Yuri Kamizono.

– Começam a olhar a casa do mesmo jeito quando estavam no Adentrar: no canto direito Valente vê uma bolsa térmica pequena, um óculos de piscina e um terço com uma Bíblia, no canto esquerdo César vê um estetoscópio, CD's do Justin Bieber e um terço com uma Bíblia, no meio Marta vê um figurino, um livro de Teatro, um terço com uma Bíblia e avista seu sapato e o calça.

Figura 15 – Missionários na vida profissional.

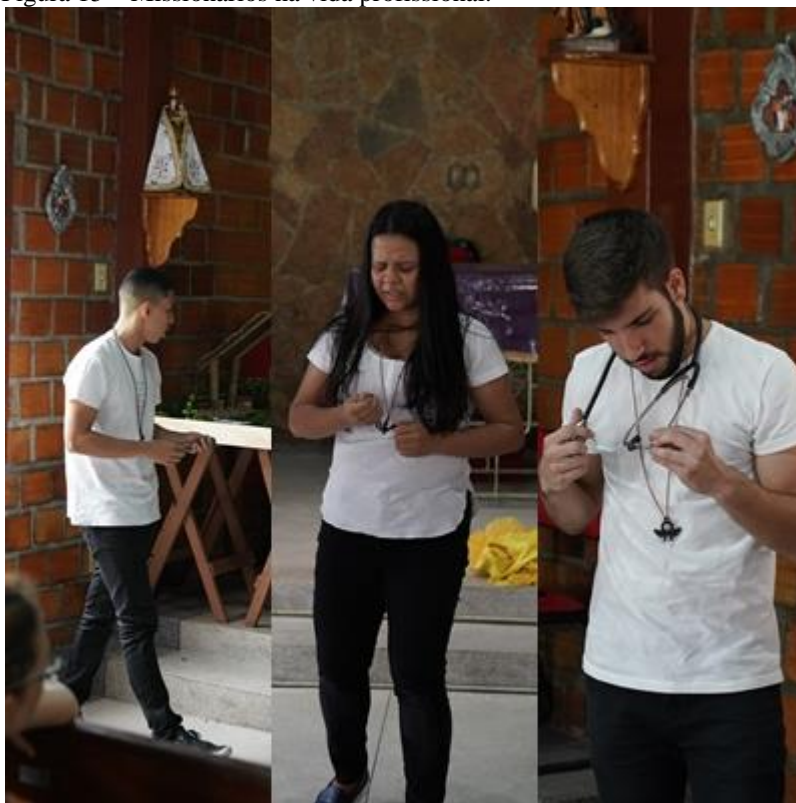


Foto: Yuri Kamizono.

– Na segunda vez de “Essa casa é sua casa” os três olham fixamente para o terço, segurando na cruz, se benzem, vão rezando com o terço e caminham pelo espaço olhando a casa;

Figura 16 – Pedindo ajuda para abrir as portas da casa.



Foto: Yuri Kamizono.

– Na quarta vez de “Essa casa é sua casa” eles amarram o terço na mão e começam a rezar de olhos fechados junto com a música;

Figura 17 – Conhecendo os cômodos.



Foto: Yuri Kamizono.

- Na terceira vez que é dito “Apareça que o teu nome cresça” eles começam a fazer a coreografia ainda com os olhos fechados;
- Ao terminar a coreografia eles começam a se movimentar em câmera lenta e quando percebem que seus movimentos não conseguem voltar ao normal, abrem os olhos e demonstram preocupação, vão passando do plano alto, para o médio e do médio para o baixo e depois ficam de joelhos de frente para o sacrário;

Figura 18 – Entendendo que as coisas acontecem no tempo de Deus.



Foto: Yuri Kamizono.

- Quando a música chegar no espaço vazio cada um fala uma frase: Valente – “Pai! quantas vezes mais o Senhor vai precisar explicar pra nós que as coisas acontecem no Teu tempo?” César – “Mãe! A Senhora que intercede por nós incansavelmente, nos ensina a aguardar o tempo de teu filho e que nessa espera tu nos ensine a amá-lo ainda mais”. Marta – “Senhor, que os nossos corações sejam a Tua morada, seja bem-vindo Pai!”;
- E quando acaba o espaço vazio eles começam a levantar ainda em câmera lenta, que aos poucos vai acelerando até voltar a velocidade normal;
- Quando chega na parte do “Apareça que o teu nome cresça” os três ficam em fila e começam a fazer a coreografia, só que de olhos abertos, de acordo com cada “Apareça que o teu nome cresça” eles vão mudando de lugar;
- Na parte “Essa casa é sua casa” eles olham ao redor e felizes percebem a diferença na casa.

Figura 19 – A alegria em ver a casa sendo arrumada.



Foto: Yuri Kamizono.

3ª música: *Casa*, da Comunidade Católica Colo de Deus.

Essa música relata em sua letra sobre pessoas que falam sobre a mudança em suas casas e a felicidade por propagar essa mudança para os outros, comunicando como é bom se descobrir. Além de representar nossa prática no Conhecer.

- Ao iniciar a música eles começam a se posicionar na frente de uma pessoa da plateia;
- Quando começa a letra da música eles começam a falar em Libras, escolhendo uma pessoa para se direcionar (referindo que Deus é a plateia toda);

Figura 20 – Evangelizar por meio de Libras.



Foto: Yuri Kamizono.

– Quando chega na parte “Eu não mereci” cada um se direciona para uma pessoa e lhe fala uma palavra ou frase de carinho e encorajamento, e repete isto duas vezes trocando de pessoas;

Figura 21 – Incentivando as pessoas a persistirem.



Foto: Yuri Kamizono.

– Na parte “Pra sempre serei tua casa” eles olham para o sacrário, escutando Deus chamar, e vão voltando para as portas de suas casas, a porta que desenharam no início.

Figura 22 – Voltar para a porta da casa.



Foto: Yuri Kamizono.

4ª música: *É Tudo Sobre Você*, de Morada.

Essa música, por mais que seja a última da apresentação, é a que mais relata continuidade. Ela é a mesclagem de toda a vivência prática, comunica sobre as vezes que tentamos desistir e Deus nos mostra o porquê que devemos continuar. Essa música é um resumo de toda a história.

- No início da música, eles olham para o lado direito e sorriem, Deus abre a porta e pede para que eles saíam da casa e vejam o que há por fora;
- Com receio eles saem da casa e ficam olhando para a parede;
- Em “A porta da casa mais simples” eles viram juntos para a plateia e começam a andar em direção a ela, observando o espaço;
- Aos poucos eles vão achando objetos: César vê um violão, Valente vê um microfone e Marta vê uma lâmpada;
- Marta avista umas camisas perto da plateia da esquerda, pega as camisas, mostra para os meninos, cada um pega uma e colocam penduradas em suas calças compridas;
- Na parte “Mais perto do monte”, aos poucos, eles começam a querer voltar para dentro da casa: a primeira é a Marta e César e Valente a fazem continuar, o segundo é o Valente e Marta e César o fazem continuar, o terceiro é o César e Marta e Valente o fazem continuar, até que a Marta olha para as camisas penduradas e fala para eles vestirem;

Figura 23 – Ajudar as pessoas a continuarem.



Foto: Yuri Kamizono.

- Na parte “O medo quer me parar”, mesmo depois de terem vestido a camisa, eles ficam com os pés colados no chão conseguindo movimentar apenas do quadril para cima;
- Eles começam a rezar pedindo ajuda para Deus e mesmo não podendo mexer o corpo todo começam a rezar dançando;

Figura 24 – Período de discernimento.



Foto: Yuri Kamizono.

- Na parte “Eu vou subir o monte” seus pés são descolados e eles começam a servir a Deus em cada coisa que lhe foi proposta;
- Quando começar a parte instrumental eles param o que estão fazendo e começam a Adorar a Deus agradecendo por tudo;
- Em “A nuvem que aponta o destino” eles começam a olhar para porta da igreja, se olham sorridentes, se abraçam, voltam o olhar para parede onde o sacrário está e continuam agradecendo;

Figura 25 – A decisão em continuar na missão a que fomos destinados.



Foto: Yuri Kamizono.

– Em seguida cada um olha para o seu sinal de pertença, olham para porta e começam a falar caminhando em direção a porta: Valente – Ser Cristo Alegria dos homens, Marta – Ser Cristo Alegria dos piores, César – Ser Cristo Alegria das nações e todos juntos – Ser Cristo Alegria e Vocação, e abrem os lados da porta para seguirem na subida da montanha.

Figura 26 – A felicidade em ser Cristo Alegria no mundo.



Foto: Yuri Kamizono.

O resultado da nossa vivência foi, em resumo, tudo o que essa pesquisa fala. Desde a primeira vez que eu sofri bullying até a decisão de tornar essa pesquisa como uma forma de ajuda para os outros. Em vista disso, para a apresentação, eu pedi para os meninos que a gente falasse da gente, de modo particular e enquanto grupo:

- dos desabafos que fizemos no decorrer da vivência;
- apresentar, por meio das expressões faciais e dos movimentos, o que nós vimos e sensação que tivemos ao sermos guiados pela casa e a dificuldade que tivemos para reconhecer certas coisas;
- a felicidade por estar em descobrimento da casa e em reconhecimento próprio;
- a insegurança ao saber que precisamos fazer com que a mudança aconteça, também, do lado de fora da casa;
- e a certeza e coragem que nos são dadas por Deus para avançarmos em nossos propósitos: por isso ao final da apresentação dizemos aquelas frases, porque vamos tentar fazer a mudança lá fora sendo Cristo Alegria.

[...]

5 (IN)CONCLUSÃO

É um pouco estranho falar que se está concluindo algo tendo desenvolvido uma pesquisa que ao final de cada capítulo e subcapítulo colocou o símbolo de continuação – a reticências entre colchetes – porque, por mais que cada parte da casa já tenha seus respectivos componentes, estes sempre sofrerão atualizações, o descobrimento é incessante.

CONSEGUI DESABAFAR MEUS DESABAFOS. No começo eu apagava várias vezes o que escrevia pensando que poderia fazer melhor, mas depois percebi que se eu continuasse fazendo isso nunca terminaria este TCC, então decidi só escrever, mas isto não significa que não dei o meu melhor. Isso é um bom exemplo para falar que todo dia é preciso recomeçar em algo. A casa pode estar em um lugar específico, mas o que há dentro dela está em constante mudança.

Em vista disso, mesmo tendo enfatizado muito sobre ter dificuldade de falar sobre memórias, poder compartilhar um pouco de mim nessa pesquisa foi melhor do que pensava. Visualizar enquanto escrevia cada lembrança não foi fácil (teve bastante choro), mas foi necessário, pois a cada vez que conto o que aconteceu comigo consigo sentir-me mais leve.

Essa leveza me faz lembrar do quanto foi importante escolher teatro no lugar de medicina. Continuo tendo um grande fascínio pela área da saúde, mas não troco a área artística por nada. O fazer teatro me ajuda na cicatrização diária e por meio disso quero ajudar as pessoas a se sentirem melhor, mostrando que elas não estão sozinhas, sempre haverá alguém por e com elas.

No entanto, nada disso seria/será possível sem a ajuda de Deus e a intercessão de Maria Santíssima. São eles que me amparam todos os dias. Que mostram o quanto sou importante, que há pessoas que precisam da minha ajuda e que só eu posso ajudá-las. Desse modo, gosto de pensar que é necessário ter que quebrar o vaso (referindo à música Quebro meu vaso, de André Aquino com participação de Luma Elpídio) várias vezes para recomeçar, porque só é possível armazenar o verdadeiro aroma do perfume em um vaso novo, limpo e sem rachaduras. O quebrar o vaso não significa fracasso, pelo contrário, significa força, coragem e entrega pelo seu melhor para si e para com os outros.

Por isso que na apresentação do resultado final da vivência com os meninos tem tantos recomeços no decorrer do roteiro. Por mais que tenhamos uma caminhada assídua com Deus não significa que não venhamos a duvidar mais... somos humanos, e quando percebemos que estamos desconfiando dos propósitos de Deus para nossa vida ficamos tristes, porque

sabemos que Ele quer o melhor para nós; mas não desistimos, porque é isso que Ele também nos ensina: persistir. E na certeza de continuar deixando Deus agir nós recomeçamos.

Em vista disso, decidi que faria algo que, temporariamente, finalizasse essa parte da pesquisa deixando claro que não acabou, por isso o título (in)conclusão: *in conclusion*, expressão estrangeira que dá significado a algo que está em conclusão – se bem que, sendo sincera, esta [pesquisa] em conclusão vai perdurar por anos.

REFERÊNCIAS

- A ARTE QUE ME TRANSFORMA: A ESPIRITUALIDADE DO ARTISTA. Canas: Editora RCCBRASIL, 2013.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARBA, Eugenio. **A canoa de papel**: tratado de antropologia teatral. Trad. Patrícia Alves. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BARBA, Eugenio. **Além das ilhas flutuantes**. Trad. Luis Otávio Burnier. Campinas: Hucitec, 1991.
- BARBA, Eugenio. **Queimar a casa**: origens de um diretor. Trad. Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator**: um dicionário de antropologia teatral. Trad. Patrícia Furtado de Mendonça. São Paulo: É Realizações, 2012.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: PAULUS, 2002.
- DUQUE-ESTRADA, Elizaberrh Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.
- DONOSO, Marília Gabriela Amorim. **O treinamento como processo de investigação do ator-criador**. 2010. 197f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição: Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 55-60, jan/jun, 2012.
- LIGIÉRO, Zeca. Flávio de Carvalho e a rua: experiência e performance. In: LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- LITURGIA DIÁRIA, Ano XXVIII – nº 335 – novembro; Ano C. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 2019. p. 33.
- SILVA, A. B. B. **Bullying**: Mentas Perigosas nas Escolas. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.
- SILVA, Carlos Alberto. Parâmetros fenomenológicos para pesquisa qualitativa em artes cênicas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, p. 64-77, mai, 2017.

SILVA, G. J. Bullying: quando a escola não é um paraíso. **Jornal Mundo Jovem**, n. 364, março de 2006, p. 2-3.

REFERÊNCIAS INFOGRÁFICAS

ALGUÉM ME TOCOU. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cristo-alegria/alguem-me-tocou/>. Acesso em: 3 dez. 2019.

CATEQUESE DE BENTO XVI – DEUS, ARTE E BELEZA. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/catequese-de-bento-xvi-deus-arte-e-beleza/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

ESTUDANDO O TECNOBREGA. Disponível em: <http://culturabrasil.cmais.com.br/especiais/estudando-o-tecnobrega>. Acesso em: 2 dez. 2019.

EVANGELIZAR PELA ARTE. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/evangelizar-pela-arte/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MISSÃO CRISTO ALEGRIA. Disponível em: <http://www.cristoalegria.com/missoes/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

REFERÊNCIAS ORAIS

BARROSO, Paulo Eduardo. Entrevista cedida a Marta Franco Teixeira. Belém, 2019.

CAMPOS, Sandra Gardene de Souza. Belém, 2019. [Conversa de caráter informal, realizada via WhatsApp, na qual se obteve informações importantes para a realização do trabalho].

SANTANA, Paulo. Belém, 2017. [Conversa de caráter informal, pessoalmente, na qual se obteve informações importantes para a realização do trabalho].

SANTANA, Paulo. Belém, 2019. [Conversa de caráter informal, pessoalmente, na qual se obteve informações importantes para a realização do trabalho].

APÊNDICE

Comunicado aos meus pais

Queridos papai e mamãe,

Venho lhes comunicar que por muito anos escondi uma coisa muito importante de vocês. Antes de saberem o que é quero que, por primeiro, saibam que mesmo sem serem cientes do que acontecia, vocês ajudaram com muito amor, carinho e cuidado.

Meus pais, hoje lhes conto que desde a minha infância eu sofro bullying, as agressões sempre foram verbais, e não adianta virem me perguntar depois quem me agrediu, porque eu não vou contar, esta indireta é especialmente pra você mãe – não vem mais ao caso.

O que vocês precisam saber é que a primeira vez que sofri bullying foi por uma pessoa da nossa família, depois passou para algumas meninas quando eu troquei de colégio e atualmente são de pessoas que eu nem converso direito.

Sabe quando eu tô no meu quarto com o fone de ouvido ouvindo música e começo a dançar com os olhos fechados? (mãe você até diz que parece que o vento me conduz) Pois é, estou desabafando da agressão que sofri no dia ou no dia anterior.

Eu não sabia direito como revelar isso pra vocês, mas o que eu quero que saibam é que eu os amo muito, muito, muito e não quero que fiquem tristes, porque eu tô bem. Sabe pai, todas as vezes que você chega pra mim, logo depois que eu acordo pela manhã, falando que você me ama, mas que não tem ninguém que me ame mais que o papai do céu? Todas essas vezes eu tinha sofrido bullying no dia anterior – parece que você adivinhava, meu dia começava bem. Você mãe, nem se fala, parece que adivinha todas as vezes que estou triste, porque as vezes me manda mensagem só pra dizer que me ama e que eu sou o amor da sua vida.

Estou lhes contando isso, porque é o que falo no meu TCC e não queria que vocês ficassem sabendo disso na hora da defesa, e sabia que se eu não escrevesse pra contar eu ia me enrolar e não iria falar como escrevi aqui.

Amo muito vocês, de todo o coração!